



Multiculturalidade e Conflitos no Ambiente Escolar: Um Estudo na Periferia de Santa Maria/RS¹

Manuela Ilha SILVA²

Rosane ROSA³

Universidade Federal de Santa Maria, UFSM, Santa Maria/RS

Resumo: Este texto relata, parcialmente, os resultados do Projeto Educação Com&Para Mídia, desenvolvido na disciplina de Comunicação Comunitária, na UFSM, em 2009/1. O projeto objetiva despertar nos jovens a capacidade de análise e síntese das mensagens midiáticas, bem como desenvolver a autonomia do pensar e do agir criticamente. O objeto midiático analisado através da técnica de grupo focal foi o filme “Entre os Muros da Escola”, cujo enredo problematiza a relação professor-aluno em um ambiente escolar de diversidade cultural. O trabalho possibilitou a construção de uma rede de associações de diferentes idéias e experiências compartilhadas pelos participantes que fizeram relações e apropriações entre a realidade multicultural representada pelo filme e o seu cotidiano escolar.

Palavras-chave: Educomunicação; multiculturalidade; conflitos

Introdução

A exposição das crianças e jovens às mensagens midiáticas é cada vez mais intensa. Esse fato evidencia a necessidade de incorporar o estudo dos meios de comunicação no processo de educação formal do aluno, já que as mídias são influentes nas diferentes esferas sociais. Assim, os meios ocupam um papel importante no contexto da educação e da socialização dos jovens, por isso é fundamental refletir e analisar essa relação. Através da aproximação com os meios de comunicação, as crianças vão incorporando imagens, valores, identidades, linguagens e modelos em sua experiência de vida cotidiana. Em um exercício de testar seus próprios limites, muitas

¹ Trabalho apresentado no IJ 6 – Interfaces Comunicacionais, do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

Os acadêmicos Rafaela Bordin, Luciana Rosa e José Carlos Fernandes participaram da execução da atividade do grupo focal que resultou no presente artigo.

² Acadêmica do 7º semestre de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: misilha@hotmail.com.

³ Professora orientadora. Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente e Pesquisadora do Departamento de Ciências da Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: rosane.rosa@terra.com.br.



dessas referências são aceitas outras recusadas, parcialmente ou totalmente pelas crianças. (BELONNI, 2001, p. 32).

Neste contexto de sociedade midiaticizada é que se desenvolveu o trabalho “Multiculturalidade e conflitos no ambiente escolar” que integra um Projeto maior “Educação Com&Para Mídia: uma prática de sustentabilidade social e política”. Entre os principais objetivos do projeto estão despertar nos alunos a capacidade de análise e síntese das mensagens midiáticas, bem como desenvolver a autonomia do pensar e do agir criticamente. O objeto midiático analisado através de grupo focal foi o filme “Entre os Muros da Escola” (França/2008), cujo enredo problematiza a relação professor-aluno e aluno-aluno em um ambiente de diversidade cultural. A atividade foi desenvolvida na disciplina de Comunicação Comunitária, em 2009/1 .

Quanto às opções metodológicas, além do grupo focal, a metodologia desenvolvida caracterizou-se por uma estrutura não fragmentada, ou seja, partiu-se da análise geral com debate amplo para chegar à síntese. Para tanto, teve quatro etapas: 1ª. Sensibilização: propósito do trabalho e foco da observação; 2ª. Exibição do filme; 3ª. Provocação e escuta: debate amplo, com questões provocativas que levaram ao aprofundamento da temática 3ª. Síntese: palavras-chave e rede associativa entre as idéias surgidas. 4ª. Produção de texto sobre a representação da mídia e o cotidiano.

A amostra foi composta por 26 alunos do 3º. Ano da Escola Estadual Irmão José Otão, localizada na periferia de Santa Maria/RS. A opção por essa Escola e turma se deu por questões de fácil acesso a Direção e aos professores e, especialmente, pela diversidade cultural presente neste ambiente. O número de participantes foi ampliado para poder incluir todos os alunos da respectiva turma. A equipe contornou esse aumento através da atuação do moderador que motivou a participação de todos de forma democrática.

Há autores como Costa (*in* Barros; Duarte, 2005) que apontam o número de participantes entre oito e 12 participantes. Já Bauer e Gaskel (2002) pensam ser ideal um grupo com seis a oito participantes. Porém, ambos concordam que o número de participantes deve ser suficiente para estimular a participação e interação, sem que o moderador perca o controle e a organização do grupo.

Os grupos focais são usados para diferentes objetivos, entre eles avaliar a interpretação da audiência em relação às mensagens midiáticas. Seu foco principal é coletar dados em pesquisas de cunho qualitativo, identificando percepções, atitudes e ideias dos participantes. Para Costa (*in* Barros; Duarte, 2005, p. 192), “o grupo focal é



uma alternativa valiosa para quem quer ouvir, perceber e compreender as experiências e crenças dos participantes de um grupo”. Esta metodologia presta-se para análise reflexiva sobre a recepção e consumo de mídia, e assim promover um processo de transformação na maneira com a qual os jovens processam as mensagens recebidas. As opiniões são colhidas *in locu*, em função disso as conclusões são mais diretas, sem partir de hipóteses de recepção, e sim de dados reais sobre a mesma. O principal objetivo foi estimular o debate sobre o filme, e as possíveis conexões com a vida cotidiana dos estudantes locais.

Com relação à postura do moderador do grupo, foi levado em conta que a flexibilidade facilita a interação, mas se for levada a extremo compromete a análise comparativa das respostas dos participantes. A ação do moderador foi baseada no estímulo à participação dos alunos, sem interferências diretas. Os demais pesquisadores foram responsáveis pela gravação do material e pela síntese das falas em palavras e expressões chave.

Entre os Muros da Escola Francesa

“Entre os Muros da Escola” é o filme ganhador da Palma de Ouro em Cannes em 2008, e apresenta em seu enredo, sucintamente falando, a relação entre um professor e uma classe de alunos. O filme retrata as diferenças étnicas, religiosas e raciais que compõe a sociedade francesa, e os conflitos do convívio entre tais diferenças. Mostra a dificuldade de relacionamento entre os professores e alunos de uma escola pública de um bairro periférico de Paris. Trata-se de uma adaptação para o cinema do livro homônimo do professor francês François Bégaudeau, que no filme é interpretado pelo próprio autor do livro. A experiência de um professor que necessita trabalhar com uma turma que aparenta não cooperar, suas frustrações como profissional e especialmente, sua tentativa de mediar problemas vindos de fora da sala de aula, são os pontos em destaque no filme. O conflito gerado entre a convivência nem sempre pacífica de diferentes origens étnicas transpassa a estrutura social, e é refletido em situações pouco amigáveis dentro da classe do professor François Marin.

A realidade socioeconômica e cultural em que cada aluno vive é refletida em sua experiência escolar, e resquícios de questões externas à escola são o estímulo para desencadear conflitos. Além do ensino do idioma Francês, disciplina ministrada pelo professor François, os alunos trazem diferentes temas para discussão. Desde a



metodologia de ensino adotada pelo professor até particularidades étnicas e religiosas, são questões polemizadas pela turma. Há preconceito e muitas vezes, ofensas graves, entre os alunos e também dirigidas ao professor, como por exemplo, a sexualidade do docente é questionada pela classe, e é motivo de deboche para alguns.

O respeito necessário ao professor, em especial por sua posição hierarquicamente superior, é ignorado pela maior parte dos alunos. Ao tentar amenizar conflitos, o professor também acaba extrapolando seu papel de docente. Repreender de forma autoritária é muitas vezes a opção de Marin, que é desrespeitado pessoal e profissionalmente por muitos dos alunos. Ao assumir uma posição ríspida e até ofensiva, o professor torna-se o alvo favorito dos deboches e questionamentos inflamados da classe. Conversas paralelas e falta de atenção são as principais dificuldades que Morin enfrenta ao ministrar suas aulas. Dessas tentativas frustradas de estabelecer uma relação amigável e uma comunicação eficaz, surgem os conflitos entre professor-aluno. Os temas em análise são os mais variados possíveis, contudo, questões pessoais frequentemente entram em voga como argumentos para provocar e/ou ofender o outro.

As questões apresentadas no filme, relevando pequenas especificidades da realidade social francesa, são semelhantes aos sistemas educacionais de qualquer país. Sua mensagem é facilmente compreensível, e toca por ser fidedigna a realidade escolar de diferentes lugares. Quanto a sua semelhança com a situação santa-mariense, os alunos participantes do presente estudo irão analisar.

O Cenário Local

A Escola Estadual José Otão está localizada no bairro Nonoai, região periférica da cidade de Santa Maria/RS. Apesar de possuir uma ampla estrutura, com salas de informática, biblioteca, ginásio e pátio para convivência, a escola enfrenta dificuldades em trabalhar, especificamente, a relação professor-aluno, conforme relatos da direção e de professores⁴. O cenário que se configura nas dependências do Otão é o seguinte: professores de classe economicamente favorecida (A e B) e alunos de classe economicamente desfavorecida (D e E). Em função desses extremos, há um falta de

⁴ As informações aqui relatadas a respeito da escola foram obtidas através de entrevistas de sondagem com o grupo docente do colégio, anteriores a realização da atividade na escola.



identificação de uns em relação aos outros. Os professores enfrentam dificuldades para lidar com essas diferenças sociais.

Ações paralelas ao processo de ensino regular são bem-recebidas na escola, como oficinas, encontros, exibição de filmes e atendimento odontológico. Outras atividades extracurriculares são promovidas nas dependências da escola, com a finalidade de sanar deficiências ou complementar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Destaca-se a significativa presença de ações de extensão de instituições de ensino superior privadas. O curso de Comunicação Social de uma universidade local desenvolveu, por exemplo, um *blog* sobre ecologia que é atualizado e mantido pelos próprios alunos.

Entre os Muros da Escola Irmão José Otão

O filme “Entre os Muros da Escola” mostra a realidade do sistema educacional das periferias francesas. Muitos problemas apresentados independem de fronteiras, como a complexidade da convivência em um ambiente multicultural, transcendendo para outras realidades sociais, como a brasileira, e, mais especificamente, da periferia de Santa Maria/RS. Assim, após a exibição do filme “Entre os Muros da Escola”, foi proposto um desafio aos alunos da Escola local, ou seja, aproximar os principais pontos de conflito apresentados no filme – preconceitos, diferenças, postura do professor, sentimento de vergonha, conteúdos curriculares, uso de celular em sala de aula, expulsão – e compará-los com a realidade local e as experiências individuais e coletivas. A seguir, apresentam-se alguns resultados:

Preconceito - um dos primeiros temas levantados para discussão em grupo foi o preconceito, em suas várias facetas. As diferentes etnias que convivem – nem sempre de forma harmônica – no ambiente escolar, assim como a desconfiança dos alunos em relação à sexualidade do professor são exemplos mostrados no filme. Na escola santamariense, contudo, a resposta unânime dos alunos foi negativa quando se questionou os possíveis preconceitos raciais e religiosos. Quanto à sexualidade, a turma mostrou-se acuada, houve risos e comentários, tais como:

A vida é de cada um, ele [o professor] sabe o que tá (sic) fazendo. Eles sabem, e isto não vai afetar a vida profissional (menina, 17 anos).



Nesse ponto é assim: trabalho e a vida pessoal dele. Se ele for, problema dele. É ele quem sabe (menina, 17 anos).

Na fala dessas alunas, percebe-se certo respeito para com a sexualidade do outro. Já outra aluna afirmou que a turma havia tido, no ano anterior, um professor homossexual. Perguntada sobre como era a relação dos alunos com ele, ela disse que havia algumas “diferenças”, especialmente entre os meninos.

Necessidades especiais e diferenças - No filme, os alunos convivem entre conflitos com suas particularidades, sejam elas étnicas, de tribos ou mesmo de comportamento: árabes, caribenhos, africanos, punks e outros grupos sociais. Entre os estudantes que participaram do estudo há um que sofre de Autismo, o que dificulta sua convivência. Os alunos comentam que eles próprios necessitam auxiliar o colega, e que muitas vezes “os professores não têm paciência”. Questionados, então, sobre a possibilidade de transferir o aluno autista para uma escola especializada, eles reagiram:

O problema dele não afeta em nada (menina, 17 anos).

Eles [os autistas] não têm nada de diferente, comparando com nós (sic), os “normais” (menina, 16 anos)

Apesar do desejo de igualdade percebe-se uma certa contradição ao afirmar “não têm nada de diferente” e “nós (sic), os normais”.

Para outros alunos, o problema são os professores, que agem de forma “desinteressada” perante o aluno especial:

[Os professores] não têm o trabalho de se detalhar muito em cima, nele (menino, 17 anos)

Na nossa sala funciona assim: tem certas gurias que pegam e tomam conta dele. As professoras não se interessam em explicar melhor, sabe? Ela só diz assim ó, ela fala pra turma e depois alguém vai lá ajudar ele. (menina, 17 anos).

Verifica-se que, para além do desafio da inclusão, as escolas públicas não estão totalmente preparadas para administrar essa questão, por outro lado, significa uma possibilidade de exercício de solidariedade entre os colegas com o outro que se apresenta com alguma diferença.

O fenômeno da vergonha - outra problemática levantada pelo professor protagonista do filme é a questão do “sentir vergonha”. Na realidade local, o que traz vergonha é perguntar ao professor:

Tenho vergonha de perguntar pra professora, as coisas pra professora. Eu pergunto as coisas lá e todo mundo assim “é



assim”. Mas eu pergunto. Muitos dão risada do que eu pergunto, mas esclarece a dúvida de muita gente (menino, 17 anos).

Aqui, são pertinentes as discussões feitas por Paulo Freire (1977) na obra “Extensão ou Comunicação?”. Ele questiona o papel do professor como mero transmissor de conhecimentos, e estimula uma nova postura docente, onde haja espaço para a prática dialógica e a presença constante do fazer comunicacional como construtores de conhecimentos. “A busca do conhecimento que se reduz à pura relação sujeito cognoscente e objeto cognoscível, rompendo a ‘estrutura dialógica’ do conhecimento, está equivocada, por maior que seja sua tradição” (1977, p. 68). A postura democrática do professor é fundamental para que o clima seja propenso à aprendizagem da sala de aula como explica Moll (1997, p. 144-145) “O ponto de vista do professor, solicitado em situação de questionamento individual ou coletivo, representa o ponto de partida para novas indagações, novos desafios e novas descobertas”.

Vivências do professor - o posicionamento do professor, suas histórias de vida relatadas em sala de aula também foram alvos de discussões:

Tipo uma coisa assim ó: o que vai influenciar na minha vida saber que a filha da professora tá namorando em casa, que a filha de uma professora tá tirando carteira [de habilitação], isso não vai influenciar, não (menina, 17 anos).

Ou que o genro dela [da professora] lava a louça (menina, 17 anos).

Ou ainda que ela quase morreu no acidente da TAM (menina, 17 anos).

Uma professora conto quando gastou mil reais na compra de uma bolsa.

Percebe-se que há dificuldade no exercício de identificação e projeção quando a realidade social entre professor e os alunos é muito distinta. Quanto às semelhanças entre o corpo docente local e o professor do filme, uma menina, 17 anos, comentou que, diferentemente do professor do filme, que é presente e traz atividades para a classe, há professores na sua escola que parecem estar “sem tempo” para ministrar as aulas. Já outras alunas viram semelhanças com a realidade local.

Este filme é bem próximo de nós, né? Aqui no colégio, até na nossa sala é mais ou menos assim (menina, 17 anos)

Acho que fugiu um pouco assim, ali, o professor manda e eles vão, assim, eles podem se explicar alto, mas aqui é um pouco



diferente, muitas vezes o professor diz ‘vai em tal lugar’ (sic) e eles não vão. (menina, 17 anos)

Os alunos reconhecem, através do filme, problemas enfrentados no cotidiano local como a indisciplina e uma possível falta de tempo dos professores que como hipótese pode-se pensar em desmotivação ou sobrecarga de trabalho.

Futebol e sociabilidade – A relação do jovem com o futebol e dos times dos seus países e o sentimento de patriotismo foi outro ponto constantemente discutido. O filme encerra com uma partida de futebol, sugerindo a idéia de que esse esporte contribui com a sociabilidade entre os alunos e atenua suas particularidades e diferenças. Questionados sobre a relação entre o futebol e a identidade brasileira, os alunos ignoravam essa relação direta.

Claro que não, a gente já tá no país (menina, 17 anos).

Aqui [no Brasil], só dão valor pro esporte que tá em alta. O futebol ganha um monte de coisas (menina, 16 anos).

É o que mais dá dinheiro, que tem gente que veio lá de baixo, que vem pobrezinho (menina, 17 anos).

A opinião foi confirmada pelos demais alunos, sendo possível tê-la como unânime. Assim, do contrário do que se poderia esperar da maioria dos jovens, a idéia do futebol como prática capaz de socializar não é partilhada pelos alunos pesquisados. O futebol é visto, para Murad (1996, p. 16) como “um ritual coletivo de intensa densidade dramática e cultural, pleno de conexões múltiplas com a realidade brasileira”. Dentre os alunos, a frase não é corroborada. A valorização para o futebol, na opinião da turma, deve-se ao grande incentivo dado à prática do esporte e também porque é o esporte que ganha maior visibilidade midiática. Algumas alunas citaram que também o vôlei poderia ser tido como representante e ratificador da idéia de sentir-se brasileiro, contudo, a maioria concordou quando foi dito que o futebol se sobrepõe, no país, aos demais esportes. Observa-se que há um discernimento e uma crítica sobre o “negócio” lucrativo que representa o futebol, muito além de uma simples prática desportiva; isto acaba provocando uma exclusão às demais modalidades.

Conteúdos curriculares – A pertinência dos conteúdos abordados na Escola também foi motivo de discussão no filme. Entre os alunos da escola santa-mariense alguns relativizaram a importância de certos conteúdos abordados em aula, muitas vezes não utilizados durante a vida, apenas no Vestibular. Uma aluna salientou que é comum esquecer a matéria de um ano para o outro.



De certa forma serve, só que... Tipo, é difícil usar tudo aquilo. Até mesmo os conteúdos têm fórmulas que tu não vai usar no dia-a-dia (menina, 16 anos).

Percebe-se certa dificuldade dos alunos no processo de apropriação das informações trabalhadas em aula para transformá-las em conhecimento útil para a vida cotidiana presente e futura.

Neste momento, houve discussão com outro grupo que discordaram da colega. A idéia de que os conteúdos seriam necessários para a vida entrou em pauta, já que muitos defenderam a idéia de que estes aprendizados são “conhecimentos que carregamos para a vida toda” (menina de 17 anos).

É mais sabedoria pra gente, né? Mais conhecimento pra gente (menino, 18 anos).

O que mais tu vai usar é de matemática e de física, é cálculo, porque tu vai estar sempre usando isso (menina, 17 anos).

Tem as coisas de calcular o chute que tu deu na bola, que tu só vai usar na faculdade mesmo. Pra fazer vestibular e deu mesmo (menina, 17 anos).

A gente decora aquele esquema que ela tá ensinando. Depois tu não sabe mais. Aquilo que nos interessa a gente aprende, aquilo que a gente acha que não é muito válida, a gente decora, a gente deleta” (menina, 17 anos).

Verifica-se a presença de uma razão instrumental de se apropriar do que é visto como importante para a vida e descartar o que não têm utilidade. Neste sentido, reporta-se a Kuerthe (1974, p. 151), que destaca que o conteúdo deve ser aprendido de uma forma que comporte transferência fora da sala de aula ou para a aprendizagem de outros conteúdos. Ou seja, o método escolhido para que se dê o processo de aprendizagem deve garantir que os conteúdos permaneçam e que sejam base para outras conexões com a realidade presente, passada e futura. Então, a idéia de “esquecimento” e a atitude de “discordar” e “deletar” pode mostrar problemas neste fluxo de aprendizado.

O uso de celulares em sala de aula – Este foi um ponto abordado superficialmente no filme, onde um professor diz que, para conseguir ministrar suas aulas, acaba permitindo que o celular seja manuseado. Outro professor o repreende, afirmando que tal atitude sugere à quebra de outras regras da escola, e que uma postura arbitrária como essa estimularia o mau comportamento entre os discentes. Já no grupo



local, o questionamento sobre a permissão do uso dos celulares apontou situações contraditórias.

Não pode, mas todo mundo usa (menina, 16 anos)

De repente, o professor tá lá explicando uma coisa super interessante, e toca um celular, daí atrapalha” (menina, 17 anos).

Só que não é justo, porque daí se toca o celular do professor, ele pega e atende. Nós (sic) não pode (menina, 17 anos).

Na escola local, assim como no filme, o uso de celulares durante as aulas é proibido no regulamento, mas na prática acaba sendo utilizado tanto pelos alunos como pelos professores. O principal motivo de conflito nesse quesito são os direitos desiguais para professores e alunos,

Se a lei é para o aluno, tem que ser para o professor também. Mas a maioria diz ‘com certeza não vou desligar meu celular (menina, 17 anos).

Um aluno, 18 anos, tenta justificar esse tratamento desigual saindo em defesa dos professores “provavelmente atendem por emergência, questão de família”. Nesse momento a maioria das meninas começam a conversar entre si, discordando do colega. Duas meninas questionaram:

E quando é aluno não é a família? (16 anos)

A gente não tem família agora? (17 anos)

Essa realidade sugere que a escola possui, ainda, uma hierarquia tradicional no quesito autoridade. O professor é aquele que proíbe e sanciona, contudo, ele próprio descumpra as regras que defende. Essa relação assimétrica provoca conflitos, e nos remete a Moll, que defende a idéia de uma sala de aula como “palco” do aprendizado (1997, p.144), e práticas democráticas de relacionamento entre professor e alunos que poderiam ser uma alternativa aos formatos tradicionais e hierarquizados. Assim, pela prática do diálogo e de negociações, a regra poderia ser discutida e definida de forma coletiva e justa para todos como defende Moll, 1997, pg.148) “O diálogo permanente é eficaz também no enfrentamento de pequenos conflitos – brigas, discussões”

Expulsão – O recurso de expulsão também foi levantada pelo filme, onde um dos alunos é expulso do colégio por ter agredido uma colega em sala de aula. Os alunos do Grupo Focal comentaram que um colega de turma, que não estava presente, havia



sido expulso de outra escola. Já, outra aluna demonstra conhecimento de causa e argumenta que no sistema educacional estadual, os alunos são “convidados a se retirar” do colégio, já que não é possível a expulsão no sentido literal. O estado deve garantir o ensino aos estudantes, e quando há situações onde a permanência do aluno é inviável, ele é transferido para outra escola. “Aqui no Otão ninguém é expulso”, disse um menino, 18 anos. “Só suspenso”, finalizou uma colega, 17 anos.

Ampliando a discussão

Concluído a análise do filme propôs-se um exercício de continuidade ao processo de reflexão sobre a mídia e o cotidiano. Juntamente com a professora da disciplina de Língua Portuguesa – a mesma que cedeu seu horário para a atividade – desafiou-se os alunos para que escrevessem redações acerca do tema “Como a televisão apresenta os problemas cotidianos” Os textos deveriam ser entregues na semana seguinte a atividade.

Antes disso, porém, os alunos já começaram a manifestar opiniões sobre o processo de construção e recepção das notícias. A maioria mostra-se descrente quanto à relação direta entre o acontecimento real e a notícia mostrada:

Muitas vezes, é a própria opinião da casa, né? É uma opinião da RBS, por exemplo, dos jornalistas que estão fazendo, é uma opinião própria (menina, 17 anos).

Geralmente, é uma inverdade, ou eles não falam tudo, deixam outras coisas, que não interessa para eles, de fora (menina, 17 anos)

A verdade, verdade, acho que nunca chega inteira, assim (menina, 16 anos)

Depende da parte da notícia que é mais lucrativa para eles (menino, 18 anos)

Eles nunca vão botar o que a gente pensa (menina, 17 anos).

Essa capacidade de desconstrução do processo midiático nos remete a Ronsini (2007), que em seu estudo “Mercadores de Sentido – Consumo de Mídia e Identidades Juvenis” define que

A relação entre juventude e mídia, que descrevemos qualitativamente, pode ser tomada como sintomática de amplos setores juvenis quando se conclui sobre a imersão dos jovens em uma cultura oral e audiovisual, mas diz respeito a uma minoria que subverte essa mesma cultura para seus próprios fins. (RONSINI, 2007, p.50).



Ao final do prazo estabelecido para a elaboração da redação, nove trabalhos foram entregues, num total de 26 alunos que participaram da atividade. Nas redações recebidas, observou-se que, além da dificuldade na escrita, as opiniões sobre a mídia são contraditórias, pois, ao mesmo tempo em que acreditam que ela manipule informações em benefício próprio, eles também crêem que a televisão seja o meio mais eficiente de transmitir a realidade. Tais diferenças podem ser vistas em algumas das opiniões manifestadas:

A mídia mostra claramente os problemas do dia-a-dia, mas, sempre tentando achar o lado bom das coisas, para tirar proveito da situação, para vender algum produto ou para dar ibope ao seu canal de televisão (menina, 17 anos).

Muitas matérias que são passadas pela televisão, 70% pode ser verdade, mas os outros 30% são cortados ou digitados, tudo aquilo que não lhes interessa. Já, por outro lado, a mídia fala de quem tem que falar, põe a boca no trombone e fala mesmo (menina, 17 anos).

Os problemas do dia-a-dia são expostos de várias formas, conforme o interesse de cada um. Então, o que a gente vê hoje é um jogo de Marketing das empresas de telecomunicações (menina, 17 anos).

Na verdade, a televisão não mostra muito a realidade do nosso dia-a-dia, ela mostra apenas o que lhe convém. Mas existem outros tipos de mídia, como a Internet, que mostram mais a realidade do que a televisão (menina, 17 anos).

Percebe-se que há uma constante desconfiança dos alunos com relação ao caráter manipulador e comercial da mídia. No entanto, ao mesmo tempo em que criticam a televisão por mostrar apenas aquilo que é “vendável”, os alunos não apontam uma alternativa para uma comunicação mais diversificada. Em nenhum momento é abordada a possibilidade de assistir a mais de um telejornal, ou contrapor fontes impressas com televisivas. Apenas a menina que se refere à Internet como meio opcional, sugere essa alternativa.

Conclui-se que existe um campo vasto para o trabalho de educação para a mídia. Os jovens precisam ter visão crítica sobre o que os meios de comunicação transmitem a eles, mas essa criticidade tem de estar embasada em pressupostos reais, e não apenas na idéia da mídia, como uma força manipuladora. Até porque um dos papéis mais importantes dos meios de comunicação, em nações democráticas, é servir de canal entre o povo e o Estado. Instrumentar o indivíduo para o exercício de sua cidadania é entendido, dentro da esfera brasileira, da seguinte maneira:



Status de cidadão é uma construção social que vem se modificando ao longo da história, numa extensão que varia conforme os países. Na sociedade moderna, os cidadãos são membros de uma sociedade política baseada no sufrágio universal e na qual todos são considerados iguais perante a lei. Isto nem sempre ocorre na prática. No caso do Brasil e de outros países latino-americanos, por exemplo, o direito à propriedade – que é básico do próprio modo de produção capitalista – e o direito à educação etc., assegurados legalmente, são negados, na prática, à maioria da população. (PERUZZO, 2002, p.3)

Outro aspecto da televisão levantado pelos alunos em seus textos, diz respeito às telenovelas e sua capacidade de informação e, ao mesmo tempo, deturpação da realidade:

E também a televisão tenta mostrar os problemas sociais dentro do país, como no Brasil, que as emissoras mostram esses problemas através de novelas, programas humorísticos. Como uma forma de melhor mostrar esses problemas de forma séria, crítica ou engraçada (menino, 17 anos).

O hábito de olhar televisão é um vício. Os canais de TV são um circuito fechado, pois giram sempre em torno das mesmas “coisas”, por saberem o que chama atenção do telespectador. E por mais que você jure que não vai mais olhar, você acaba olhando. Acompanhando novelas, sofrendo e brigando junto com os personagens (menina, 17 anos).

Por exemplo, na novela Caminho das Índias passa uma imagem bela e bonita do país (Índia), mas se as pessoas forem olhar por outro lado, verão que nada disso é um mar de rosas, lá as pessoas vivem na miséria total (menina, 17 anos).

Observa-se na fala desses jovens o quanto a telenovela tem espaço no cotidiano do brasileiro. Como nos lembra Canclini (2002), embora a telenovela tenha sua origem numa estrutura essencialmente melodramática, esse gênero percorreu um caminho muito interessante no Brasil, buscou uma forma própria de narrativa popular, pautada nas relações do cotidiano, agregando realismo e críticas sociais, construindo um produto representativo da modernidade brasileira, por juntar o moderno e o arcaico, um típico produto da hibridização cultural. Por isso, que existe uma comunicação muito grande entre o que é noticiado nos jornais e o que é retratado nas telenovelas. O telejornal funcionaria como um meio de o indivíduo se informar das notícias de última hora, mas o maior promotor de discussão e reflexão acerca da realidade – brasileira ou não – seria mesmo a telenovela.



Considerações Finais

Este trabalho possibilitou aos alunos uma prática de educação para os meios de comunicação, graças também a receptividade da escola para o desenvolvimento da atividade. Os alunos participaram ativamente do processo, discutindo e problematizando sua relação cotidiana com a mídia e a interferência no ambiente escolar, familiar e social. Quanto a realidade representada no filme “Entre os Muros da Escola”, houve grande empatia. Os alunos identificaram semelhanças entre a realidade da escola francesa e a escola local. A relação conflituosa entre professor- aluno, o contexto escolar e o processo de ensino aprendizagem foram os principais focos de debate e apropriação. O trabalho provocou questionamentos que levou os alunos a interpretar individualmente e compartilhar relações entre a realidade francesa apresentada pelo filme e a realidade local vivenciada por eles.

Através do filme, os valores humanos e as diferenças entre as classes sociais foram ressaltados e debatidos na relação professor-aluno e aluno-aluno. Isso, de certa forma, levou os participantes a reavaliarem as suas posturas enquanto indivíduos e cidadãos – críticos e também ativos. As posturas foram questionadas através da construção de uma rede de associações de diferentes idéias compartilhadas pelos participantes, que fizeram relações e apropriações entre a realidade representada pela mídia e o seu cotidiano escolar.

O trabalho possibilitou a construção de uma rede de associações de diferentes idéias compartilhadas pelos participantes que fizeram relações e apropriações entre a realidade da escola francesa representada pela mídia cinema e o seu cotidiano escolar, em torno de diferentes temas como: preconceito, diferenças, sentimento de vergonha, postura do professor, conteúdo curricular, futebol e sociabilidade, uso do celular em sala de aula e expulsão.

Quanto à influência das mensagens midiáticas, houve opiniões diversas. Uma minoria destacou o fenômeno da imitação de estilos de personagens por parte de alguns colegas, enquanto a maioria dos participantes se ateve na mídia noticiosa e se mostrou cética quanto a veracidade das informações transmitidas. Acreditam que prevalece o interesse dos veículos de comunicação. Manifestaram também, baixo nível de identificação com os conteúdos apresentados pela televisão aberta.



Bibliografia

BARBERO-MARTIN, Jesus; BARCELOS, Cláudia. **Comunicação e Mediações Culturais**. Diálogos Midiológicos 6, 1997. Imago - Vol. XXIII, nº 1, janeiro/junho de 2000

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Culturas Híbridas**. São Paulo: EDUSP, 2000.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Imagem, Som e Texto – Um Manual Prático**. Tradução de GUARENSKI, Pedrinho. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

BARROS, Antonio; DUARTE, Jorge. (Org). **Métodos e Técnicas da Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

BELONNI, Maria Luiza. **O que é mídia-educação**. Campinas/SP: Autores Associados, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 3ª Edição. Rio de Janeiro: Guerra e Paz, 1977.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível – Reinventando o Ensinar e o Aprender**. Porto Alegre: Mediação, 1997.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Direito à Comunicação Comunitária, Participação Popular e Cidadania**. In: Semiosfera – Revista de Comunicação e Cultura da UFRJ. Ano 5, nº 8. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2005.

_____. **Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania**. In: Pensamento Comunicacional Latino-Americano – Revista Digital. Volume 4, ano 1. Disponível em <<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/revista13.htm>>. Acesso em 04/05/2009.

RONSINI, Veneza V. Mayora Ronsini. **Mercado de Sentido – Consumo de Mídia e Identidades Juvenis**. Porto Alegre: Sulinas, 2007.